

TRILHAS URBANAS E O REENCONTRO COM A METRÓPOLE

Alana Sales Neco¹

José Átila Abreu de Sousa²

Francisco Felipe Silva Garcia³

Rian Pereira da Silva⁴

Orientadora do Trabalho: Maria Clélia Lustosa da Costa⁵

RESUMO

O projeto “Trilhas Urbanas”, vinculado ao Laboratório de Planejamento Urbano e Regional do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, realiza suas atividades há mais de 20 anos tendo como objetivo de percorrer espaços do Centro de Fortaleza com estudantes de diferentes modalidades de ensino, articulando em sua construção, tanto teórica quanto prática, diversas temáticas pertinentes à cidade no qual promovem uma releitura da metrópole e de suas transformações socioespaciais, propiciando discussões e reflexões acerca dos patrimônios e das paisagens urbana. Utilizando-se de duas metodologias principais, a saber, o levantamento bibliográfico e o trabalho de campo, sendo uma complementar a outra. Com a retomada das atividades de campo, de certo, é importante pontuar é que o contexto da pandemia implicou em uma nova forma de observar a paisagem urbana da cidade, os espaços que outrora eram ocupados com grandes aglomerados de pessoas se encontram com baixa movimentação, os equipamentos urbanos como praças, igrejas e cemitério se apresentam sem manutenção e visivelmente pouco utilizados, assim, responder a essas inquietações consiste no objetivo deste trabalho, o regresso ao ambiente citadino, com a realização de 7 trilhas com a participação em média de 25 pessoas enriquece as possibilidades de dialogar com tais espaços, construindo junto ao público uma percepção crítica sobre a cidade e seus espaços simbólicos, bem como, as novas formas de uso e ocupação desses lugares.

Palavras-chave: Extensão, Trilhas Urbanas, Geografia, Centro de Fortaleza.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Trilhas Urbanas é vinculado ao laboratório de Planejamento Urbano e Regional (LAPUR) do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), atua em parceria com o Instituto do Ceará, sendo uma das mais antiga e importantes instituição cultural e patrimonial do estado do Ceará e ao Observatório das Metrôpoles, uma rede de pesquisa nacional que volta suas análises sobre os desafios e problemas vigentes nas áreas metropolitanos do Brasil, assim, o projeto atua há cerca de 20 anos e conta com uma equipe diversificada de estudantes da graduação e pós graduação, tendo como público alvo, estudantes

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC; alananeco12@gmail.com;

² Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, atilasousa@alu.ufc.br;

³ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, garcia.felipe1223@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, rianpereira@alu.ufc.br;

⁵ Professora orientadora Doutora em Géographie, Aménagement, Urbanisme de la Université Sorbonne Nouvelle - Paris III, clelialustosa@ufc.br

da educação básica e de diversas modalidades de ensino. As Trilhas ofertadas e seus percursos são variadas, e cada uma oferece uma perspectiva diferenciada sobre a metrópole Fortalezaense buscando compreender as transformações que a cidade vivenciou ao longo de sua história.

Assim, possui em seus percursos as temáticas: Geometria Territorial do Poder, coordenada pelo Professor Dr. Alexandre Queiroz Pereira, buscando fazer uma abordagem dos aspectos políticos da formação de Fortaleza, através de locais com diversas influências de poderes em sua formação, como o poder religioso, executivo, cultural, militar e médico; Fortaleza e o Mar, tendo como coordenador Professor Me. Gleilson Angelo da Silva, visando mostrar a relação histórica que existe entre o centro da capital cearense e a sua costa marítima, proporcionando um roteiro rico em paisagens e lugares, que se constituem como atrações turísticas e lócus de produção e convívio social; Espaços de Vida e Morte, coordenada pela Professora Dra. Maria Clélia Lustosa Costa, que também coordena o projeto, assim o percurso visa apresentar os espaços de vivência povo fortalezense no decorrer do tempo, contextualizando a existência de espaço simbólicos que exaltam espaços de vida, espaços da doença e espaços da morte; Espaços do Ócio e Negócio, coordenada pela Professora Dra. Alessandra Maria Vieira Muniz, mostra ao público os espaços do centro de Fortaleza que são voltados para o lazer como as praças, cinemas e parques, e os espaços marcados pelo trabalho e consumo como as feiras, centros comerciais e industriais, evidenciando como esses espaços interagem entre si e qual a relação que os mesmo exercem no desenvolvimento das cidade de Fortaleza e na transformação do Centro.

Assim o projeto Trilhas Urbanas, visa, proporcionar uma (re)leitura geográfica de Fortaleza, entendendo que o público possui uma leitura empírica a respeito do espaço vivenciado, com isso, as trilhas buscam compreender a organização do espaço urbano existente no Centro de Fortaleza, enaltecendo os espaços simbólicos, os elementos patrimoniais, arquitetônico e as rugosidades presentes na paisagem urbana, bem como suas transformações socioespaciais, através das trilhas percorridas a pé, no centro da cidade de Fortaleza, desse modo ao inserimos os estudantes no meio, logo, poderão construir suas percepções sobre o ambiente experimentado.

A partir da execução das atividades, é possível haver uma integração de saberes entre o lugar, a paisagem, o conhecimento e as experiências vividas pelos estudantes e monitores, partindo da concepção presente na BNCC (2018) que, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas. Na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BRASIL, 2018)

Nesse sentido, o projeto "Trilhas Urbanas", se constrói juntamente a metodologia de trabalho em campo uma intrínseco relacionamento com a cidade, através do contato empírico e sensorial, leva os estudantes a envolver se com o centro da metrópole fortalezense com sua

rugosidades que se misturam com o comércio, com as novas arquiteturas, com o caminhar das pessoas, confundindo assim o passado e o presente. A cidade está intrinsecamente ligada a memória coletiva da sociedade, ambos são produtos da expressão de poder, estilo de vida humano, que se refletem na arquitetura, nas demonstrações políticas, sociais, culturais e econômicas de seus moradores (GUERRA, et.al, 2021), assim, as trilhas se tornam uma verdadeira imersão na história da cidade, na busca da compreensão de cidade para além dos conceitos, mas, na perspectiva de pertencimento ao espaço.

Desse modo, evidencia-se que o início das trilhas antecede o momento ida à campo, há uma preparação anterior que se dá na realização de um levantamento bibliográfico, com base em teses, dissertações, monografias, livros, artigos, jornais, fotografias, hemerotecas, mapas atuais e antigos da área a ser percorrida, pois, atrelada a trilha também está a compreensão dos conceitos, entendendo-a como uma aula não convencional e com os exemplos vivenciados a cada passo dado na trilha. Há também uma preparação anterior dos monitores, com grupos de estudo, pré-trilha e estudo do percurso, desta forma, o planejamento é um dos métodos incorporado na construção da trilha.

Com o fim do período de isolamento por conta da Covid-19, devido à crescente dos índices de vacinações e a redução no número de casos, as Trilhas Urbanas voltaram a executar seus trabalhos de campo e neste contexto adaptando-se ao "novo normal" e com as mudanças de uma nova cidade, levando em consideração o bicentenário da Independência do Brasil, buscou-se nas atividades do projeto, analisar a Metrópole de Fortaleza no vislumbre de uma cidade independente, bem como, as influências políticas e militares que envolvem Fortaleza. Neste reencontro com a metrópole é impossível negar as mudanças que a mesma sofreu durante o período de isolamento e com a volta das atividades presenciais, o sucateamento, o abandono, os novos espaços de vivências, os vazios e mudança nos fluxos, ficaram evidentes nos percursos.

METODOLOGIA

No que concerne aos caminhos metodológicos tomados no projeto, divide-se em 4 etapas: i) levantamento bibliográfico; ii) Planejamento + grupo de estudo; iii) Elaboração e utilização de mapas; iv) Aula de campo (trilha no centro da cidade). Cada etapa se torna essencial para tomadas de decisões, organização dos monitores e dos conteúdos trabalhados nas trilhas, pois, como já mencionado anteriormente apresenta temáticas, nisto, os monitores se apresentam como mediadores entre os conteúdos dos conceitos com os espaços visitados e associação da teoria com a experiências, tomando debate acerca da vivências dos alunos e participantes das trilhas. A seguir, discorreremos a respeito dos métodos e das técnicas utilizadas para a efetivação das atividades do projeto.

Inicialmente há o compilado de materiais bibliográficos com base em teses, dissertações, monografias, livros, artigos, matérias de jornais e fotografias, que foram



arquivadas em um drive titulado "Embasamento Teórico", nele está pastas subdivididas nas temáticas de cada trilha e uma contendo o material basilar que fundamenta teoricamente as concepções de cidade, as mudanças históricas de Fortaleza, etc.

O apanhado é realizado em duas etapas, sendo a primeira antes mesmo da organização do planejamento da trilhas, sendo ela a bibliografia basilar, nesse momento há a construção da hemeroteca contendo as matérias de jornais que foram apanhadas nas pesquisas jornalísticas, bem como as fotos e os mapas atuais e antigos da área a ser percorrida. A segunda etapa de coleta bibliográfica a partir do planejamento das trilhas, assim a equipe responsável por uma das trilhas temáticas constroem seu apanhado bibliográfico.

Não há prática sem teoria, mesmo que a trilha concentre a atividade principal, o campo, existe a necessidade que os monitores fundamentam-se de conceitos teóricos já que, a prática de que temos consciência exige e gesta a ciência dela. Daí que não possamos esquecer as relações entre a produção, a técnica indispensável a ela e a ciência (FREIRE, 1997), logo, para haver a indagações, o fomento da crítica e mediação das experiências, se faz necessário conceber o domínio teórico a respeito do objeto estudado nas trilhas.

Evidencia-se a importância do planejamento e estudo do trajeto, dentro do percurso da cidade pode haver intercursos como obras, bloqueios, algo que possa vir a atrapalhar o trajeto, por isso há a necessidade do planejamento, visto que, planejar é dar sentido à ação, é questionar sobre a importância das práticas pedagógicas, do conteúdo ensinado [...]

A reflexão, a problematização e o questionamento do significado da ação desenvolvida permitem sua dinamização e renovação de acordo com a realidade para qual se destina. É através do planejamento que é possível encontrar caminhos para a efetivação dos princípios pedagógicos assumidos. O planejamento é a mediação entre aquilo que pensamos teoricamente ser a educação e o ensino, e a realidade concreta (PASSOS, 2008 s/p).

Desse modo, construir um planejamento nas práticas das trilhas é essencial para a sua realização. Então, no grupo de estudos há o primeiro contato do planejamento com a fundamentação teórica, os grupos responsáveis pelas trilhas apresentam suas articulações e após há a abertura para debates e diálogos sobre os textos apresentados, os pontos a serem visitados nas trilhas e os possíveis problemas que foram evidenciados. Nas praticas deste ano, houve a inteiração dos alunos de graduação com os de pós graduação, assim, foi possível contruir um ambiente de aprendizagem mutuas entre as modalidades, enriquecendo o embasamento dos monitores.

Os mapas elaborados no projeto, são mapas de localização e auxiliam os monitores, estudantes e professores no trajeto que será realizado. Os mapas são elaborados para cada trilha, por isso, a importância do planejamento, já que, em cada mapa há o percurso planejado, os pontos a serem visitados na trilha e o nome dos monitores que estão guiando a atividade. Além dos mapas elaborados, durante os percursos os monitores se utilizam de outros tipos de mapas,

na finalidade de conjunto aos estudantes, serem analisados. Entendo que, os mapas são um dos principais recursos metodológicos à disposição do professor de Geografia.

Eles constituem não apenas um recurso visual no qual o professor precisa recorrer para ensinar Geografia ou para que o aluno domine os conteúdos geográficos; eles são um meio de comunicação; uma linguagem que permite ao aluno expressar espacialmente um conjunto de fatos; uma alternativa de representação espacial de variáveis que possam ser manipuladas na tomada de decisões e na resolução de problemas (OLIVEIRA, 2007 apud. LIMA; DA-COSTA, 2012).

Assim como uma trilha percorrida na natureza onde há a necessidade de haver um mapa para guiar seus passos e não se perder, do mesmo modo nas trilhas urbanas a necessidade é a mesma, bem com o diferencial espacial, onde o contato é com a segunda natureza ⁶ concebida por Milton Santos, nisto, os mapas espacializar as mudanças que acometeram Fortaleza ao longo do tempo e na trilhas os estudantes podem contemplá-las elencando as discussões do teórico, do espacializado e do visível.

No que concerne a prática em campo, sendo a última etapa, pois é o momento de pôr em prática toda a construção elaborada até então. Com isso, compreendemos a trilhas como um espaço de construção de saberes para além da sala de aula, assim, o “espaço não-formal” tem sido utilizado atualmente [...] para descrever lugares, diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas (JACOBUCCI, 2008). A trilha pela cidade se torna uma ferramenta inovadora pois elenca os fundamentos de planejamento, teoria e práxis docente, proporcionando aos monitores a oportunidade de uma aula construtiva formando professores com sensibilidade nas contextualizações dos fenômenos.

Desse modo, antes do momento principal, os monitores percorrem os espaços das trilhas que são realizadas não como meros espectadores da cidade, mas compilando os elementos da paisagem e envolvendo os conteúdos já estudado e dialogados nos grupos de estudo. é um momento crucial de "ensaiar" seus passos, sentirem os locais a serem visitados, expor suas dúvidas existentes, enxergar as possibilidades a serem utilizadas durante os percursos.

Somos, porém, os únicos seres capazes de poder ser objetos e sujeitos das relações que travamos com os outros e com a História que fazemos e nos faz e refaz. Entre nós e o mundo as relações podem ser criticamente percebidas, ingenuamente percebidas ou magicamente percebidas, mas, entre nós há uma consciência destas relações a um nível como não há entre nenhum outro ser vivo com o mundo (FREIRE, 1997 pág. 68)

Com isso, a prática de campo traz aos estudantes a vivência aos espaços que os mesmo muitas vezes já conhecem, mas não o percebem, dessa maneira, as trilhas dão a oportunidade ao público entrar em contato com a cidade do passado e a do presente, notando as rugosidades do Centro de Fortaleza como parte de sua história. Um prédio, uma estátua, risco sobre o piso de uma praça, a distância entre pontos, tudo isso que anteriormente passava despercebido no ritmo frenético da cidade, nas trilhas se faz chegar a luz, evidenciando os conceitos e como eles

⁶ SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo. Hucitec. 1999.p.51-52.

são aplicados aos espaços. É no momento da Trilha, da aula em campo que o aluno conecta o objetivo ou subjetivo e forma em si, a criticidade de compreender os espaços para além da causalidade da cidade.

O ENSINO DE GEOGRAFIA E O ENCONTRO COM A CIDADE

Paulo Freire (1997) enfatiza que a gente aprende no mundo, na casa da gente, na sociedade, na rua, no bairro, na escola, o autor, mesmo que coincidentemente, trouxe um notório saber vinculado ao ensino de geografia que é a contextualização do espaço vivido e como esta influência nossa percepção de mundo. Desse modo, nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade. A captação que faz dos dados objetivos de sua realidade, como dos laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro, é naturalmente crítica, por isso, reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos (FREIRE. 1967).

A geografia é uma ciência que estuda o espaço, na sua manifestação global e nas singulares. Sendo assim, os conteúdos geográficos precisam ser “apresentados” para serem trabalhados pelos alunos nessa dupla inserção: a global e a local. (CAVALCANTI, 2005 pág. 203)

Outrossim, nos enquanto indivíduos somos carregados das experiências que experimentamos, partindo desta lógica, a prática das trilhas insere os estudantes em um ambiente no qual os mesmo já experimentaram porém juntamente com os conceitos e a análise geográfica traz ao aluno uma perspectiva diferenciada de cidade, nisto, o desenvolvimento de um modo de pensar geográfico mais abrangente e abstrato requer, pois, a formação de conceitos (Cavalcanti, 2005), dessa maneira, o estudante carregará consigo a compreensão do saber atrelado a vivência prática adquirida em campo.

Para Cavalcanti (2005), o ensino de cidade torne esse conceito uma ferramenta para a análise geográfica do mundo pelo aluno, não é uma boa orientação apresentar para o aluno um conjunto de conceitos com sua definição pronta, como: o que é cidade, o que é processo de urbanização, o que é conurbação, o que é metrópole, o que é rede urbana, e tantas outras definições. Dessa maneira, caímos na ideia de que os conceitos geográficos são decorativos e sem nexos com a realidade sensorial. Para a autora, o aluno “aprende” (ou reproduz verbalmente) todas essas definições que compõem o conteúdo sobre cidade,

acompanhadas de inúmeras informações sobre diferentes cidades no mundo e no Brasil, mas não consegue se utilizar dessas informações para analisar fatos, fenômenos que lidam praticamente, não “aprende” sobre a própria cidade em que vive, que na maioria das vezes não compõe o conteúdo curricular da escola. (CAVALCANTI, 2005 pág. 202)



A cidade para Cavalcanti (2005), não é concebida apenas como forma física, mas como materialização de modos de vida, como um espaço simbólico e seu estudo volta-se para desenvolver no aluno a compreensão do modo de vida da sociedade contemporânea e de seu cotidiano em particular. Além disso, contribui para o desenvolvimento de habilidades necessárias para os deslocamentos do aluno, seja nos espaços mais imediatos de seu cotidiano, seja em espaços mais complexos, que podem envolver uma rede de cidades. (CAVALCANTI, 2005).

Desse modo, ao pensarmos em cidade e na sua significância para os estudantes, se faz necessário compreendermos que a mesma exerce uma certa influência na vida do indivíduo que não pode ser negada, contudo, deve-se haver uma construção mútua entre o saber conceitual e o saber sensorial (empírico), assim, no processo de caminhar pelos espaços os estudantes passam a perceber a cidade na junção dos dois saberes, tornando sua noção de espaço e de cidade mais completa e construindo uma (re)leitura com os novos saberes e experiências adquiridos na trilha. Fomentando dessa maneira, indivíduos atentos com os problemas urbanos, bem como, aguçados a compreender as transformações da cidade e como elas impactam diretamente em suas vidas, tornando- os parte da cidade.

FORTALEZA: PALCO DAS TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO-TEMPO

O projeto Trilhas Urbanas traz em sua fundamentação a noção das transformações socioespaciais vivenciadas pela metrópole fortalezense, assim compreendemos que, a história urbana de Fortaleza não é somente a descrição de um pequeno núcleo de povoamento que vai progressivamente tornando mais complexas as suas relações, mas também o predomínio das implacáveis forças naturais que vão perdendo importância, de acordo com o avanço do conhecimento científico (COSTA, 2014). Nisto, quando buscamos entender como se deu a expansão da malha urbana de fortaleza, nos deparamos com sua história, que inicia-se na construção do Forte de Nossa Senhora de Assunção, a qual, tornou-se padroeira da cidade, assim, igualmente o hino oficial da cidade, junto à sombra dos muros do forte, a pequena semente nasceu, em redor, para a glória do Norte, a cidade sorrindo cresceu (BARROSO; GONDIM; FERREIRA, 1958), foi quando em 13 de abril de 1726, o então povoado é elevada à condição de vila pelo Imperador Dom Pedro I. Desse modo, o que compreendemos de Fortaleza é o que apresenta ao redor do forte, com algumas ruas e casas.

Fortaleza nasce de um traçado de papel. Um plano de expansão de cidade ainda inexistente orienta as ações do poder público local. Não há crescimento econômico nem populacional invadindo, pressionando e fazendo a cidade [...] Logo após a Independência, em 1823, o imperador Pedro I decretou a elevação de todas as vilas que fossem capitais de províncias à categoria de cidade. Assim, Fortaleza, vila desde 1726, torna-se cidade (COSTA, 2007 pág. 56)

Assim a cidade que outrora não havia grande significado muda de perspectiva e começa a ganhar espaço no Estado do Ceará, principalmente com o declínio dos portos de

Aracati e as ascensão do porto do Mucuripe, visto, Fortaleza vai virando palco das transformações espaciais, alargando suas malhas. Dando um salto para a cidade no séc. XX, a cidade já muda suas organizações e recebe o impacto das grandes modificações evidenciadas no meio rural, assim segundo Costa (2008), a cidade recebe as migrações causadas pela seca que assolou o sertão cearense, compreendendo que, as secas periódicas desestabilizaram a economia local e obrigaram grandes levas de pessoas a se deslocar para áreas mais úmidas ou para as cidades, desestruturando o espaço, ou criando uma organização espacial, típica dos períodos de grandes estiagens.

A maior parte desta população migrava para terras distantes da Amazônia, para trabalhar nos seringais, ou para o Centro-Sul, onde havia mais oportunidades de emprego. Outra parte fixava-se nas cidades, despreparadas para receber esta massa de trabalhadores e seus familiares. Pouco a pouco, o sertão se esvaziava e as cidades apresentavam-se superlotadas, enfrentando problemas de déficit habitacional, infraestrutura urbana e saneamento, fome, miséria, violência. Gerava-se, assim, o chamado caos urbano. (COSTA, 2008 pág. 185)

Esse choque entre campo e cidade gerou um conflito cultural, onde de um lado estava o "homem" urbano, com suas condutas morais, vestimentas limpas, influenciado pela cultura francesa, de outro estava o "homem" rural, tomando banho nos chafarizes da cidade, criando seus animais, com a fala e roupas simples, desnutridos e jogados nas esquinas. Percebendo tais mudanças, trouxeram a cidade uma certa instabilidade no modo de vida, de acordo com Costa (2008), a chegada à cidade, a população do campo também deve civilizar-se, ou absorver o comportamento civilizado do homem citadino. E um dos meios utilizados foi através da lei, de normas, de códigos de posturas que disciplinavam tanto o comportamento da população quanto o espaço urbano, seus usos e ocupações (COSTA, 2008). Dantas (2009), pontua que as intervenções no espaço através das políticas de expansão urbana, aformoseamento e de controle social – visavam também a criação de uma área asséptica, livre dos pobres. A razão ordenadora, respaldada na perspectiva higienista de disciplinamento e controle social, denotava a destinação social pretendida para a cidade, que era produzida e deveria ser apropriada no âmbito do vivido pela elite fortalezense (DANTAS, 2009).

Com as novas leis de condutas, criadas na ideia civilizatória, foi desenhando a cidade de Fortaleza adaptando-a a sua população, jogando os pobres nas periferias da cidade. Com o discurso higienista, temos outra forma de pensar a cidade, nas trilhas é visível ver no centro de Fortaleza como a Santa Casa de Misericórdia, a Cadeia Pública e o Cemitério São João Batista, são desvinculados do centro da cidade e lançados às margens do Centro no qual compreendia-se como a periferia da cidade. Até mesmo a relação com o mar torna-se relevante para a organização da cidade de Fortaleza,

no século XX, as transformações de ordem cultural adquirem relevância maior, provocando abertura da elite em face dos espaços litorâneos: abertura iniciada no período precedente e resultante do processo de ocidentalização das elites locais, que altera gradualmente, após os anos 1920-1930, os lugares tradicionalmente ocupados pelos portos, pelas comunidades de pescadores e pelos pobres, em lugar de lazer e de habitação das classes abastadas (DANTAS, 2011 pág. 43)

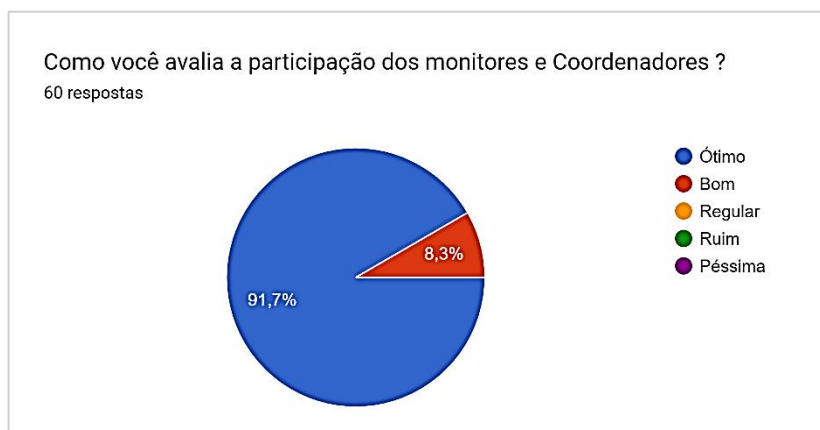
De povoado a vila, de vila a cidade, de cidade a metrópole, assim, Fortaleza vem se construindo a partir das grandes transformações no tempo e no espaço, deixando marcas na cidade algumas ficam camufladas com a refuncionalização dos espaços industriais, residenciais em comércios, museu, bares etc. Desse modo, as trilhas buscam repassar a história da cidade tomando esses espaços como livros abertos e expostos, que passam despercebidos, mas carregam em si a história de Fortaleza e do povo fortalezense.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Certamente o contato com a cidade pós pandêmica nos deixou apreensivos, primeiramente, pelo contato humano que nos fora tirado pelo isolamento, por conseguinte, pela dúvida a respeito de que cidade podemos encontrar, o que mudou? Como convidar estudantes para uma releitura da cidade, se para todos nós o mundo já não se apresenta da mesma forma que outrora era visto, logo, o convite a (re)leitura se faz a todos nós que imergimos de nossas casas, nessa nova cidade pós pandêmica.

Foram realizadas cerca de 7 trilhas neste ano, quatro foram realizadas durante o evento principal do aniversário de 295 anos de Fortaleza em 23 de abril de 2022, com o tema “Fortaleza: sede do poder”, na ocasião foram apresentadas ao público todas as quatro temáticas já mencionadas. Com o auxílio da pré-trilha feita dias antes do evento, os monitores conseguiram se preparar e realizar as trilhas com domínio e excelência.

Figura 1: Avaliação da participação dos monitores e coordenadores das Trilhas



FONTE: Google Formulários, 2022

Por isso, a organização e o planejamento se mostraram efetivos na preparação dos monitores, o diálogo pré-trilhas, os grupos de estudos, as trocas de experiências dos alunos da graduação e da pós-graduação, foram essenciais na construção das Trilhas Urbanas. Isso é mostrado na avaliação realizada pelos participantes das trilhas, a coleta (Figura 1) foi realizada pelo google forms, após a realização das trilhas, houve a aprovação de 91,7%, mesmo com a instabilidade de tempo presente em Fortaleza durante as realizações das trilhas, é possível perceber a satisfação dos estudantes com o projeto.

Ao longo o ano forma realizadas mais 3 trilhas, com alunos de cursinho pré vestibular da Universidade Federal do Ceará, sendo eles, o curso XII de Maio e o Projeto Novo Vestibular, bem como os alunos da disciplina de Geografia Urbana e dos Serviços, do curso de Geografia da UFC.

Figura 2: Atividade das Trilhas no Centro de Fortaleza



FONTE: Autoral, 2022

Com isso, foi possível enxergar Fortaleza com novos olhos, as rugosidades vistas anteriormente ainda permanecem, porém os prédios históricos se apresentam sucateados, as praças estão abatidas, contudo, no que concerne a praças General Tibúrcio, foi percebido ela muda se personalidade com o passar do dia, pela madrugada/manhã viram moradia para pessoas em situação de rua, no horário manhã/tarde torna-se passagem pra quem vai se encontro o fervor na José Avelino e a noite a praça se transforma em espaço de lazer e socialização entre os jovens. Evidenciando as múltiplas utilizações dos espaços centrais de Fortaleza.

O que está bem presente nas trilhas é o aumento significativo de pessoas em situação de rua, em todo o percurso esses indivíduos se faziam presentes, seja, em locais centrais como na Praça do Ferreira, ou em pontos mais distantes como o Passeio Público. E isso instigou a discussão a respeito do direito à cidade e a moradia, uma pauta lúcida e que se tornou evidente no cenário pós isolamento social. Uma nova cidade com os velhos problemas de acesso à mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é iniludível a importância que o projeto Trilhas Urbanas denota na perspectiva do ensino de geografia de forma contextualizada, assim, o entendimento de cidade a partir dos percursos realizados constroem juntamente ao estudantes uma nova ideia de cidade e a noção de pertencimento à ela. Desse modo, as mudanças notadas no centro da cidade de Fortaleza foram essenciais na conscientização dos espaços visitados, que se deu no contato experimental aos locais atrelado ao teórico ministrado pelos monitores das trilhas, contribuindo para enxergar as realidades implícitas e desmembradas de nosso cotidiano, por não haver a aproximação com tais espaços de maneira crítica e sensível.



Encontramos uma metrópole diferenciada, em sua arquitetura é muito parecida com a que víamos a 2 anos atrás, com contatos efêmeros furto da correria em busca da acumulação de capital ou do consumismo inconsequente, percebemos algumas pessoas de máscaras onde outrora isso não pertencia a paisagem, e que hoje já não se é estranho. Percorremos pela história da cidade, das grandes epidemias do séc. XIX de febre amarela, cólera e varíola que reconfiguraram a paisagem urbana de Fortaleza e que em pleno século XXI vivenciamos a experiência e visualizamos como houve a influência no reordenamento do Centro da cidade Fortaleza.

A volta a metrópole, nos trouxe ao sentido de reconexão com o espaço urbano de Fortaleza, perdido por conta do isolamento e dos desprazeres pandêmicos, foi percorrendo as Fortalezas nos séculos passados, que nos deparamos com a Fortaleza deste século e propoçspectamos a do futuro. As Trilhas, ensinaram a todos que nela se envolveram, mostrando-o que há uma certa beleza no caminhar pelas ruas sinuosas no Centro de Fortaleza e desvendar os segredos nem sempre tão perceptíveis mas que se cristalizaram na paisagem urbana do centro.

AGRADECIMENTOS

É imprescindível os mais sinceros agradecimentos ao Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) que participa do projeto como um importante colaborador, cedendo o espaço do Palacete Jeremias Arruda, sede do Instituto do Ceará, para receber ao LAPUR e o projeto TRILHAS URBANAS no evento principal do aniversário de Fortaleza, contrastando os objetivos da atividade com a importância e a representação que o Instituto exerce acerca da compreensão da história da cidade e do estado do Ceará. Assim, é notório os agradecimentos ao Observatório das Metrôpoles e ao seu núcleo em Fortaleza, onde pesquisadores que atuam nesta rede de pesquisa colaboram juntamente aos bolsistas e monitores do projeto, sendo fontes de pesquisa como também participando no evento principal já mencionado neste artigo.

Deixamos nossos agradecimentos às instituições que fizeram parte indiretamente do projeto como, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o Palácio da Luz (Academia Cearense de Letras), a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, o Centro Municipal de Pequenos Negócios - Beco da Poeira e o Museu da Indústria, essas instituições se apresentaram inteiramente solicitas ao projeto sendo elas parte dos percursos trilhados. Como também, agradecemos ao Curso Pré-Vestibular XII de Maio, (cursinho da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará), ao Projeto Novo Vestibular (cursinho do departamento de História da Universidade Federal do Ceará), a turma de Geografia Urbana e dos Serviços, ministrada pelo Professor Doutor Alexandre Queiroz Pereira, no qual fizeram parte das atividades do projeto nessa retomada ao presencial.

E por fim, deixamos nossos agradecimentos aos mais de 20 monitores que colaboraram com as atividades do projeto sendo doutorando, mestrandos e graduandos de Geografia da Universidade Federal do Ceará e pertencentes ao Laboratório de Planejamento Urbano e Regional – LAPUR, com eles foram desenvolvidas as trilhas, grupos de estudo e um carinho pelo projeto Trilhas Urbanas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. *Cadernos Cedes*, v. 25, p. 185-207, 2005.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. Fortaleza, capital do Ceará: transformações no espaço urbano ao longo do século XIX. *Revista do Instituto do Ceará*, v. 128, p. 81-111, 2014.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. Urbanização da sociedade fortalezense. *Revista do Instituto do Ceará*, v. 122, p. 183-204, 2008.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa da. Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço. In: SILVA, José Borzacchiello da; DANTAS, Eustógio, Wanderley Correia; SOUSA, Maria Salete. Ceará: um novo olhar geográfico - 2. ed. atual. Fortaleza; dições Demócrito Rocha, 2007 pág 51 – 99
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. CAP 3 - O TRIUNFO DO MAR: Transformações Ocorridas no Século XX. In. DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. MAR À VISTA: Estudo da Maritimidade em Fortaleza - 2.ed. Fortaleza: Edições UFC, 2011 pág 43 – 92.
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. O centro de Fortaleza na contemporaneidade (Cap.4). In : DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; DA SILVA, José Borzacchiello; COSTA, Maria Clélia Lustosa. De cidade à metrópole: transformações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. *Cartas a quem ousa ensinar*, v. 10, p. 27, 1997.
- FREIRE, Paulo. A sociedade em transição. In: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.
- GUERRA, Maria Daniely Freire; SILVA, Emyle Caroline Ferreira da; LIMA, Ana Paula de; ROCHA, Jeremias. Trilhas Urbanas e a educação Geográfica: um relato de experiência. In: Org_ RIBEIRO, Emerson; BASTOS, Frederico de Holanda. *Educação geográfica: Formação de professores, metodologias e ensino*. Editora CRV, 2021 pág. 103 - 116.
- BARROSO, Gustavo; GONDIM, Antônio; FERREIRA, Manoel. *Hino do município de Fortaleza*. 1958
- JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. *Revista em extensão*, v. 7, n. 1, 2008.
- LIMA, Francisco de Assis Fernandes; DA COSTA, Franklin Roberto. A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões. *Geografia Ensino & Pesquisa*, p. 105-116, 2012.
- PASSOS, Carmensita Matos Braga. *Planejamento: para além do burocratismo*. v. 8080, 2008.